

DEPRESSÃO E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ENTRE PROFESSORES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Depression and use of psychoactive substances among teachers of a public university

Dépression et consommation de substances psychoactives chez les enseignants d'une
université publique

Depresión y uso de sustancias psicoactivas entre docentes de una universidad pública

Alcivan Nunes Vieira¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4222-6262>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.
Doutor em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (UECE). Docente da Faculdade de Enfermagem da
UERN. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.

Deivson Wendell Costa Lima²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7020-2172>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.
Docente da Faculdade de Enfermagem da UERN.

Débora Cristina Ezequiel Silva³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8992-5223>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.
Enfermeira graduada pela Faculdade de Enfermagem da UERN. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.

Rúbia Mara Maia Feitosa⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7418-1156>

Universidade Potiguar, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.
Mestre em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (UECE). Docente da Universidade Potiguar. Mossoró,
Rio Grande do Norte, Brasil.

Lívia Dayane Sousa Azevedo⁵

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0019-9342>

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.
Mestranda no Programa de Pós Graduação em Nutrição e Metabolismo da Faculdade de Medicina de Ribeirão
Preto – USP. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

Resumo

O trabalho vem sofrendo mudanças de cunho político, cultural e institucional, as quais tem submetido o trabalhador a uma rotina mais intensa e desgastante. Estas transformações impactaram na organização e nas condições de trabalho docente, sendo associadas ao adoecimento do professor, ao sofrimento psíquico e ao consumo de

¹ alcivan_nunes@yahoo.com.br

² deivsonwendell@hotmail.com

³ debora-ezequiel2011@hotmail.com

⁴ rubinhafeitosa@hotmail.com

⁵ liviaazevedo.nutri@gmail.com

substâncias psicoativas. Objetivou-se descrever as relações entre a depressão e o consumo de substâncias psicoativas entre professores universitários. Pesquisa desenvolvida em uma universidade pública, cujos dados foram coletados pelo Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test e Beck Depression Inventory. 80% dos docentes pesquisados afirmou consumo bebida alcoólica e 27,3% derivados do tabaco; dentre as substâncias consideradas ilícitas a maconha se destaca (15,2%). Identificaram-se indícios de depressão concentrados em homens (52,6%), com idade entre 31 a 40 anos, casados e com mestrado (57,9%). Quanto à associação entre o uso de alguma substância psicoativa e a sintomatologia depressiva, esta foi mais prevalente entre aqueles que mencionaram o consumo de bebida alcoólica (68,4%). Mesmo sendo condições determinadas por vários e complexos fatores, existem relações entre a depressão e o uso de substâncias psicoativas entre os docentes no cenário pesquisado; a precarização do trabalho gera sofrimento psíquico e o adoecimento do professor.

Palavras-chave: Professor universitário; Esgotamento profissional; Transtornos relacionados ao uso de substâncias; Saúde mental e trabalho;

Abstract

The work has been undergoing changes of political, cultural and institutional nature, which has subjected the worker to a more intense and exhausting routine. These changes impacted the organization and conditions of teaching work, being associated with the teacher's illness, psychological distress and the consumption of psychoactive substances. The objective of this study was to describe the relationship between depression and psychoactive substance use among university teachers. Research developed at a public university, whose data were collected by Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test and Beck Depression Inventory. 80% of the teachers surveyed stated consumption of alcoholic beverages and 27.3% of tobacco products; among the substances considered illegal marijuana stands out (15.2%). Evidence of depression was found in men (52.6%), aged 31-40 years, married and with a masters degree (57.9%). As to the association between the use of some psychoactive substance and the depressive symptomatology, this was more prevalent among those who mentioned alcohol consumption (68.4%). Although conditions are determined by several and complex factors, there are relationships between depression and the use of psychoactive substances among teachers in the researched scenario; the precariousness of work generates psychological suffering and the sickness of the teacher.

Keywords: University teacher; Professional exhaustion; Substance-related disorders.

Résumé

Le travail a subi des changements de nature politique, culturelle et institutionnelle, qui ont soumis le travailleur à une routine plus intense et épuisant. Ces changements ont eu un impact sur l'organisation et les conditions de travail de l'enseignement, étant associés à la maladie, à la détresse psychologique et à la consommation de substances psychoactives de l'enseignant. L'objectif de cette étude était de décrire la relation entre la dépression et la consommation de substances psychoactives chez les professeurs d'université. Recherche développée dans une université publique, dont les données ont été recueillies par le Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test par le Beck Depression Inventory. 80% des enseignants interrogés ont déclaré consommer des boissons alcoolisées et 27,3% des produits du tabac; parmi les substances considérées comme marijuana illégale, se distingue (15,2%). Des signes de dépression ont été trouvés chez des hommes (52,6%), âgés de 31 à 40 ans, mariés et titulaires d'une maîtrise (57,9%). Quant à l'association entre l'utilisation d'une substance psychoactive et la symptomatologie dépressive, elle était plus fréquente chez ceux qui ont mentionné la consommation d'alcool (68,4%). Bien que les conditions soient déterminées par plusieurs facteurs complexes, il existe des relations entre la dépression et l'utilisation de substances psychoactives parmi les enseignants dans le scénario étudié; la précarité du travail génère des souffrances psychologiques et la maladie de l'enseignant.

Mots clés: Professeur d'université; Épuisement professionnel; Troubles liés aux substances.

Resumen

El trabajo ha sufrido cambios de naturaleza política, cultural e institucional, lo que ha sometido al trabajador a una rutina más intensa y agotadora. Estos cambios impactaron la organización y las condiciones del trabajo docente, y se asociaron con la enfermedad del profesor, la sufrimiento psíquico y el consumo de sustancias psicoactivas. El objetivo de este estudio fue describir la relación entre la depresión y el uso de sustancias psicoactivas entre los docentes universitarios. Investigación desarrollada en una universidad pública, cuyos datos se recopilieron mediante el *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* e Beck Depression Inventory. 80% de los docentes encuestados declararon el consumo de bebidas alcohólicas y 27,3% de los productos de tabaco; Entre

las sustancias consideradas ilegales destaca la marihuana (15,2%). Se encontró evidencia de depresión en hombres (52.6%), de 31 a 40 años, casados y con una maestría (57.9%). En cuanto a la asociación entre el uso de alguna sustancia psicoactiva y la sintomatología depresiva, esto fue más frecuente entre los que mencionaron el consumo de alcohol (68,4%). A pesar de que las condiciones están determinadas por varios factores complejos, existen relaciones entre la depresión y el uso de sustancias psicoactivas entre los maestros en el escenario investigado; La precariedad del trabajo genera sufrimiento psicológico y la enfermedad del profesor.

Palabras clave: Profesor universitario. Agotamiento profesional. Trastornos relacionados con el uso de sustancia, Salud Mental y Trabajo.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea o trabalho vem sofrendo mudanças de cunho político, cultural e institucional que tem submetido o trabalhador a uma rotina laboral cada vez mais intensa causando, por sua vez, diversas expressões de adoecimento (Campos, 2011). As pressões exercidas pelas instituições em busca de resultados, a forma de organização do trabalho e as exigências de adaptação aos novos padrões organizacionais e institucionais produzem no trabalhador uma condição de sobrecarga e exaustão (Dejours, 1992).

Um ambiente de trabalho marcado pela competitividade e intensificação das suas atividades não é exclusivo de empresas ou fábricas, mas também foi detectado nas instituições públicas e dentre estas incluem-se as instituições de ensino universitário. Este fenômeno está relacionado a um conjunto de medidas voltadas para reestruturar e expandir a educação superior no país, objetivando principalmente a ampliação da oferta de vagas e a otimização das suas estruturas. Na prática as medidas aplicadas na prática resultaram na intensificação da rotina laboral por meio do acúmulo de tarefas e funções; conseqüentemente implicaram também na precarização das condições de trabalho do docente (Borsoi, 2012; Sakurada, 2017).

Dentre as profissões que se caracterizaram por elevados níveis de estresse nas últimas décadas, a categoria docente do ensino superior tem se destacado. E isto se deve também, dentre outros aspectos, às exigências acadêmicas em torno do dilema produtividade versus produtivismo. Outro aspecto que merece destaque é o fato de que as suas condições de trabalho têm sido diretamente afetadas por questões como o financiamento do ensino público e a violência urbana (Locatelli, Leite, 2017; Nogueira, 2017).

Neste contexto o adoecimento do professor pode ser manifesto de diversos modos embora que, na maior parte dos casos, este fenômeno tenha sido objetificado como depressão. Esta condição emerge como a segunda maior causa de incapacidade para o trabalho e algumas evidências a destacam com grande potencial para, em breve, tornar-se a primeira causa e a forma de adoecimento mais comum entre os trabalhadores (Campos, 2011).

O consumo de substâncias psicoativas também tem sido associado ao contexto de adoecimento relacionado ao trabalho docente. Entretanto, por vezes, ele é categorizado apenas como recreativo; sem desconsiderar esta possibilidade e sem estabelecer previamente juízos de valor, é necessário reconhecer que existem casos em que este uso é decorrente da necessidade de se buscar uma forma de alívio para o sofrimento que se origina da atividade laboral (Lima, 2010; Borsoi, 2012).

Algumas pesquisas têm constatado as repercussões que as mudanças na organização do trabalho e as condições de trabalho no ensino superior produzem na saúde do docente. Apesar de muitas manifestações deste adoecimento serem reconhecidas como inerentes a esta atividade laboral, observa-se que a depressão e o consumo de substâncias psicoativas despontam em vários contextos (Leite; Nogueira, 2017; Lima, 2010; Rates, 2018; Lopes, 2011; Oltávaro 2013; Barros, 2014).

Considerando o fato de que se trata de uma problemática complexa e atravessada por vários determinantes, tornam-se necessários estudos que empreendam outras abordagens sobre a possível relação entre o adoecimento relacionado ao trabalho docente, o sofrimento psíquico, a depressão e o uso de substâncias psicoativas. Neste sentido, esta pesquisa objetiva descrever as possíveis relações entre a depressão e o consumo de substâncias psicoativas entre professores universitários.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, transversal e de abordagem quantitativa. Foi realizada em uma universidade pública do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Os participantes foram docentes de departamentos e faculdades, conforme os seguintes critérios de inclusão: ser docente efetivo, com regime de trabalho com 40 horas ou de dedicação exclusiva e ser lotado no campus central da universidade. Foram excluídos os docentes afastados do trabalho por motivo de doença, férias, transferência ou estar em alguma atividade de capacitação.

Considerando os valores críticos associados ao grau de confiança da amostra, determinou-se que a margem de erro foi de 5% e o nível de confiança (Z) foi de 95%; tendo como valor crítico = 1,96, a partir dos cálculos, a amostra foi delimitada em 209 docentes; após a abordagem dos pesquisadores, 67 concordaram em participar do estudo; houve perdas devido à ausência de retorno dos instrumentos.

Os dados foram coletados através de um formulário (caracterização sociodemográfica e das atividades desenvolvidas) construído pelos autores; utilizou-se ainda o Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST), e o Inventário de Beck para Depressão (Beck Depression Inventory - BDI).

O ASSIST consiste em um instrumento disponível de rastreio e triagem breve para detectar pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas. Foi produzido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como resposta à amplitude nociva que o consumo de drogas psicoativas representa para a saúde pública (Henrique, 2004).

Salienta-se que esta pesquisa não se propõe a abordar as questões situadas no âmbito da discussão acerca das substâncias consideradas lícitas ou ilícitas. O interesse delimitado inicialmente foi o de desvendar as possíveis associações entre o uso dessas substâncias e o sofrimento psíquico gerado pelas condições de trabalho.

O Inventário de Beck para Depressão- BDI foi desenvolvido por Aaron Beck, sendo a versão original publicada em 1961, com o intuito de avaliar a depressão segundo os graus: ausente, leve, moderada e grave. É constituído de 21 itens, cada qual com quatro alternativas que expressam níveis de gravidade dos sintomas depressivos (Beck et al., 1961).

Salienta-se que o Inventário de Beck mede o nível de depressão em pessoas que já receberam este diagnóstico. Considera-se relevante sua aplicação na população estudada mesmo sem o conhecimento prévio acerca deste diagnóstico, a título de se aferir indícios de depressão e de se obter a sua estratificação com base em um instrumento validado cientificamente.

Os dados foram agrupados e expressos em frequência simples e porcentagem bem como média, desvio padrão, valores mínimos e máximos. Para verificar associações da depressão e drogas com as diferentes variáveis estudadas foram utilizados o teste de Qui-quadrado ou exato de Fisher. Este último, escolhido quando a frequência esperada foi inferior a 5. Quando necessário as variáveis sofreram transformação do tipo binário; valores de $p < 0,05$ foram considerados significativos.

RESULTADOS

A maioria dos participantes é do sexo masculino, casados, com filhos, trabalham na instituição há mais de 05 anos. Desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão e 50% deles também desempenham atividades administrativas relacionadas à gestão da universidade. A média de idade foi de 43,4 anos com desvio padrão de 8,9 para mais ou para menos, sendo

que 57,6% possuem mais de 40 anos. Observa-se que 6,1% possuem especialização, 48,5% possuem mestrado, 40,9% possuem doutorado e 6,1% pós-doutorado.

TABELA 01: Caracterização sociodemográfica e descrição das atividades laborais desenvolvidas pelos docentes.

Variáveis	Freq.	%
Sexo		
Masculino	35	53,0
Feminino	31	47,0
Reside com		
Amigos	02	3,0
Família atual	43	65,2
Família origem	12	18,2
Sozinho	09	13,6
Estado civil		
Casado	60,9	60,9
Relacionamento estável	12,5	12,5
Separado	9,4	9,4
Solteiro	17,2	17,2
Filhos		
Não	19	28,8
Sim e moram comigo	39	59,1
Sim mas não moram comigo	08	12,1
Número de dependentes economicamente		
Nenhum	11	16,7
1 a 2	32	48,5
Acima de 2	23	34,8
Média ± desvio padrão		2,0 ± 1,0
Mínimo – máximo		0 – 6
Idade		
20 a 30 anos	3	4,5

31 a 40	25	37,9
Acima de 40	38	57,6
Média ± desvio padrão		43,4 ± 8,9
Mínimo – máximo		28 – 66
Tempo de trabalho na instituição		
Até 05 anos	06	9,1
Acima de 05	60	90,9
Média ± desvio padrão		15,6 ± 9,2
Mínimo – máximo		1 – 40
Especialização		
Sim	04	6,1
Não	62	93,9
Mestrado		
Sim	32	48,5
Não	34	51,5
Doutorado		
Sim	27	40,9
Não	39	59,1
Pdh		
Sim	04	6,1
Não	62	93,9
Desenvolve atividade de ensino		
Sim	64	97,0
Não	02	3,0
Desenvolve atividade de pesquisa		
Sim	54	81,8
Não	12	18,2
Desenvolve atividade de extensão		
Sim	36	54,5
Não	30	45,5
Desenvolve atividade administrativa		
Sim	33	50,0
Não	33	50,0

Desenvolve atividade em Núcleo Avançado de Ensino		
Sim	15	22,7
Não	51	77,3

Fonte: Autores

Na tabela 02 são apresentados os dados referentes ao uso de substâncias psicoativas e o Inventário de Beck:

TABELA 02: Valores de frequência simples e percentuais das variáveis relacionadas ao uso de drogas e depressão.

Variáveis	Freq.	%
Bebida alcoólica		
Sim	53	80,3
Não	13	19,7
Crack		
Sim	02	3,0
Não	64	97,0
Cocaína		
Sim	02	3,0
Não	64	97,0
Anfetaminas		
Sim	04	6,1
Não	62	93,9
Inalantes		
Sim	05	7,6
Não	61	92,4
Opioides/ opiáceos		
Sim	02	3,0
Não	64	97,0
Hipnóticos / sedativos		
Sim	05	7,6

Não	61	92,4
Derivados do tabaco		
Sim	18	27,3
Não	48	72,7
Maconha		
Sim	10	15,2
Não	56	84,8
Depressão		
Mínimo	47	71,2
Leve	11	16,7
Moderado	06	9,1
Grave	02	3,0

Fonte: Autores

O ASSIST identificou resultados distintos no que diz respeito ao consumo de substâncias psicoativas consideradas lícitas ou ilícitas. Em se tratando de substâncias lícitas, 80% afirmaram já ter consumido bebida alcoólica e 27,3% consumiram derivados do tabaco. Foi encontrada associação entre o uso do tabaco e aqueles que desenvolvem atividades em Núcleo Avançado de Ensino e na extensão; outra associação foi identificada entre o uso de hipnóticos e aqueles que possuem especialização.

Conforme o inventário de Beck obteve-se registro de sintomatologia associada à depressão nos quatro níveis estabelecidos pelo instrumento (mínimo, leve, moderado e grave). Embora não tenha sido encontrada uma associação significativa entre a depressão e as categorias sociodemográficas, os dados evidenciaram indícios de depressão entre os homens (52,6%) com idades entre 31 a 40 anos, casados e com pós graduação em nível de mestrado (57,9%). Eles trabalham na instituição há mais de 05 anos (94,7%) e desenvolvem atividades de ensino (100%), pesquisa (84,2%) e extensão (63,2%). Quanto à associação entre o uso de alguma substância psicoativa e a sintomatologia depressiva, esta foi mais prevalente entre aqueles que mencionaram o consumo de bebida alcoólica (68,4%).

Na tabela 03 são apresentados os valores percentuais dos níveis de depressão e as associações com outras variáveis estudadas:

Tabela 03: Valores de frequência simples e percentual do nível de depressão frente as diferentes variáveis estudadas.

Variáveis	Indícios de depressão		p-valor
	Sim n (%)	Não n (%)	
Sexo			
Masculino	10 (52,6)	25 (53,2)	0,967
Feminino	09 (47,4)	22 (46,8)	
Reside			
Amigos	01 (5,3)	01 (2,1)	0,618
Família atual	14 (73,7)	29 (61,7)	
Família origem	02 (10,5)	10 (21,3)	
Sozinho	02 (10,5)	07 (14,9)	
Estado civil			
Casado	11 (57,9)	28 (62,2)	0,148
Relacionamento estável	05 (26,3)	03 (6,7)	
Separado	01 (5,3)	05 (11,1)	
Solteiro	02 (10,5)	09 (20,0)	
Filhos			
Não	09 (47,4)	10 (21,3)	0,057
Sim e moram comigo	07 (36,8)	32 (68,1)	
Sim mas não moram comigo	03 (15,8)	05 (10,6)	
Graduação			
Sim	01 (5,3)	01 (2,1)	0,496
Não	18 (94,7)	46 (97,9)	
Especialização			
Sim	01 (5,3)	03 (6,4)	1,0
Não	18 (94,7)	44 (93,6)	
Mestrado			
Sim	11 (57,9)	21 (44,7)	0,331
Não	08 (42,1)	26 (55,3)	
Doutorado			
Sim	08 (42,1)	19 (40,4)	0,900
Não	11 (57,9)	28 (59,6)	
Pdh			
Sim	01 (5,3)	03 (6,4)	1,0
Não	18 (94,7)	44 (93,6)	
Desenvolve atividade de ensino			

Sim	19 (100,0)	45 (95,7)	1,0
Não	0 (0,0)	02 (4,3)	
Desenvolve atividade de pesquisa			
Sim	16 (84,2)	38 (80,9)	1,0
Não	03 (15,8)	09 (19,1)	
Desenvolve atividade de extensão			
Sim	12 (63,2)	24 (51,1)	0,372
Não	07 (36,8)	23 (48,9)	
Desenvolve atividade administrativa			
Sim	05 (26,3)	28 (59,6)	0,014*
Não	14 (73,7)	19 (40,4)	
Desenvolve atividade em núcleo **			
Sim	05 (26,3)	10 (21,3)	0,748
Não	14 (73,7)	37 (78,7)	
Bebida alcoólica			
Sim	13 (68,4)	40 (85,1)	0,172
Não	06 (31,6)	07 (14,9)	
Crack			
Sim	0 (0,0)	02 (4,3)	1,0
Não	19 (100,0)	45 (95,7)	
Cocaína			
Sim	0 (0,0)	02 (4,3)	1,0
Não	19 (100,0)	45 (95,7)	
Anfetaminas			
Sim	02 (10,5)	02 (4,3)	0,573
Não	17 (89,5)	45 (95,7)	
Inalantes			
Sim	03 (15,8)	02 (4,3)	0,139
Não	16 (84,2)	45 (95,7)	
Opioides/ opiáceos			
Sim	01 (5,3)	01 (2,1)	0,496
Não	18 (94,7)	46 (97,9)	
Hipnóticos			
Sim	03 (15,8)	02 (4,3)	0,139
Não	16 (84,2)	45 (95,7)	
Derivados do tabaco			
Sim	06 (31,6)	12 (25,5)	0,617

Não	13 (68,4)	35 (74,5)	
Maconha			
Sim	05 (26,3)	05 (10,6)	0,136
Não	14 (73,7)	42 (89,4)	
Idade			
20 a 30 anos	0 (0,0)	03 (6,4)	0,076
31 a 40	11 (57,9)	14 (29,8)	
Acima de 40	08 (42,1)	30 (63,8)	
Número de dependentes			
Até 02	15 (79,0)	28 (59,6)	0,163
Acima de 02	04 (21,0)	19 (40,4)	
Tempo de instituição			
Até 05 anos	01 (5,3)	05 (10,6)	0,664
Acima de 05	18 (94,7)	42 (89,4)	

Fonte: Dados primários produzidos pelos autores. 2019

* Significância estatística ($p < 0,05$)

** Atividade em Núcleo Avançado de Ensino: trata-se da oferta de cursos de graduação em locais onde a universidade não dispõe de estrutura física. Os cursos são organizados mediante demandas específicas identificadas em alguns municípios e não possuem caráter de oferta contínua.

DISCUSSÃO

A problemática na qual o objeto de estudo desta pesquisa se insere, ou seja, a relação entre a depressão e o uso de substâncias psicoativas entre professores universitários, é forjada no bojo das reformas no ensino superior que foram empreendidas pelo Estado brasileiro a partir da década de 1990. Estas reformas refletiram, pragmaticamente, os impactos da reorganização do mundo do trabalho no campo da educação, a redefinição do escopo e no modo de se organizarem as políticas públicas, e dentre elas as de educação (Campos 2011).

Desta reorganização houve uma intensificação do trabalho docente, ou seja, um aumento do dispêndio de energia seja ela física, intelectual e emocional, para o desenvolvimento de suas atividades laborais. Esta intensidade concentra-se no trabalhador individual ou em âmbito coletivo, independentemente dos meios de produção disponíveis, pois, o foco é a atividade em si que esse trabalhador deve exercer (Dal Rosso, 2008).

Concomitante a esta intensificação, as condições de trabalho foram precarizadas; segundo Bosi (2007, p. 1505), a precarização do trabalho docente significa “[...] o aumento na rotina das atividades de ensino, pesquisa e extensão que compõe propriamente o fazer acadêmico” (Bosi, 2007, p.1505).

Na prática acadêmica esta reorganização do ensino superior implicou diretamente em: um aumento da quantidade de alunos por turma (Relação aluno de graduação por professor); conseqüentemente, este aumento na quantidade de alunos significou uma divergência na composição de grupos de alunos para aulas práticas, em relação aos parâmetros estabelecidos pelo próprio MEC; jornadas extras de trabalho para atender as demandas dos alunos fora do horário da aula; aumento da carga horária de ensino em detrimento das atividades de ensino e extensão, acarretando jornadas extras de trabalho no domicílio e em horários antes dedicados ao descanso e ao lazer (Rocha, 2018).

Instaurou-se uma lógica gerencial organizada na competitividade, no produtivismo e na intensificação do trabalho. Neste sentido, as crescentes exigências em torno do desempenho, das metas individuais e da produtividade científica, os critérios de avaliação aplicados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) são apontadas como principais responsáveis pela intensificação do sofrimento psíquico e, conseqüentemente, do adoecimento entre os professores universitários (Sakurada, 2017; Leite, 2017).

A partir dessa reforma instaurou-se um *modus operandi* na organização das atividades produtivas marcado pela reestruturação dos processos de produção, em novos métodos gerenciais e na divisão mundial do trabalho. Com base nessas mudanças as instituições passaram a exigir um novo perfil de trabalhador, configurando-o como um profissional flexível, polivalente, competitivo e capaz de se adequar a um ritmo de produção mais acelerado (Abonizio, 2012; Sakurada, 2017).

No ensino superior este perfil derivou, dentre outros fatores, da prerrogativa que circunscreve o trabalho do professor no tripé ensino, pesquisa e extensão. Estas atividades proporcionam articulações de cunho pedagógico no intuito de aproximar a formação com as demandas da produção científica e da sociedade. No entanto, se não forem asseguradas as condições adequadas para a sua execução, o trabalho docente se intensifica e passa a ser precarizado (Locatelli, 2017).

Como pôde ser observado, os docentes pesquisados desempenham essas atividades e alguns deles ainda assumem atividades na gestão da universidade. O acúmulo de responsabilidades e atribuições acadêmicas favorece o desgaste relacionado à atividade laboral (Leite, 2017).

A Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDB) estabeleceu novos modelos organizacionais e novas modalidades de ensino superior, além de ter reconfigurado o ensino universitário nos moldes de produção aplicados ao setor de produção de bens e serviços. Por sua vez, a austeridade econômica instituída pelo Estado e os novos valores que regem a avaliação do trabalho no âmbito das IES, tais como a produtividade individual e a competitividade, tem repercutido nas relações entre as pessoas afetando a saúde e a qualidade de vida dos docentes (Sakurada, 2017; Leite, 2017).

Consequentemente, instaurou-se um clima de competitividade exacerbado, estratificado inclusive pela qualificação do professor. Isto pode ser observado na evolução do número de docentes com mestrado e doutorado nas Instituições de Ensino Superior (IES) do país (Tostes, 2018); no cenário pesquisado o percentual de docentes nesta condição se aproxima de 90%.

A qualificação *strictu sensu*, ao mesmo tempo em que promove o acesso a algumas condições e recursos diferenciados na área da pesquisa, implica também em assumir responsabilidades de produção acadêmica nem sempre condizentes com o perfil, com o ritmo de trabalho e a área de atuação do docente (Leite, 2017).

O desgaste relacionado ao trabalho da categoria docente também reflete o acúmulo de tarefas muitas vezes classificadas por eles como desnecessárias, acarretando em dispêndio de tempo adicional ao trabalho. Muitas vezes essas atividades implicam em jornadas que ultrapassam o tempo regimental de 40 horas semanais e até mesmo o regime de dedicação exclusiva, causando uma redução do tempo para atividades de lazer e descanso (Leite, 2017).

Neste cenário, a sobrecarga de atividades e a precarização do trabalho docente são intensificados com as exigências de produção acadêmica sob a perspectiva de vários indicadores. E é neste contexto que o professor se enquadra como uma das categorias profissionais mais sujeitas ao sofrimento psíquico que em muitos casos é objetificado como depressão (Tavares, 2010; Campos, 2016).

Conforme o Inventário de Beck para Depressão, obteve-se registro de sintomatologia nos quatro níveis estabelecidos pelo instrumento (mínimo, leve, moderado e grave). Embora não tenha sido encontrada uma associação significativa da depressão com as categorias sociodemográficas analisadas, os dados apontam que os indícios da depressão se concentram no sexo masculino (52,6%) com idade de 31 a 40 anos e com nível de mestrado (57,9%). Estes docentes trabalham na instituição há mais de 05 anos (94,7%) e desenvolvem atividades de ensino (100%), pesquisa (84,2%) e extensão (63,2%).

É possível identificar na literatura que existem várias definições para o termo depressão; de acordo com o DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014) a depressão consiste na

persistência de um humor triste, vazio ou irritável, acompanhado por alterações somáticas e cognitivas capazes de afetar significativamente a capacidade de funcional do indivíduo.

Seguindo outro campo de conhecimento, mais especificamente a psicanálise, a depressão expressa o sofrimento psíquico do sujeito em decorrência do confronto entre o seu desejo e as exigências do processo civilizatório. Manifesta o embotamento afetivo produzido na recusa do próprio desejo, que tem como uma de suas implicações o desinvestimento no corpo, nas relações e interfaces sociais que a pessoa tenha estabelecido (Tavares, 2010; Campos, 2016).

Consiste em um estado que resulta do encontro da pessoa com a realidade que o cerca, apreendida como algo que lhe ameaça ou cerceia; trata-se de um modo de existir diante de exigências impostas pela vida em sociedade. Portanto, esse estado passa a regular a vida psíquica assumindo particularidades e expressões que, no campo da saúde, geralmente podem ser apreendidas através de sinais e sintomas associados ao desvio de uma suposta normalidade (Campos, 2016).

Seu status extrapola a causalidade orgânica e meramente circunstancial e, por isso, transcende a queixa formulada pela pessoa por se tratar de algo que se remete à ordem do inconsciente. Neste sentido, articula-se à produção subjetiva da própria vida incluindo a sua inserção em uma dada organização do trabalho (Tavares, 2010).

Não se almeja nesta discussão enveredar por um campo em detrimento do outro ou ainda estabelecer aproximações entre seus conceitos. Mas sim abrir possibilidades para que enfoques diversos e distintos sejam explorados e tensionados diante desta condição que, dentre as modalidades mais frequentes de sofrimento psíquico, tem se tornado quase um “modismo” nos dias de hoje e isso se deve, evidentemente, ao espantoso número de casos identificados na atualidade (Campos, 2016).

Em geral, no campo da saúde do trabalhador, os fenômenos psíquicos emergem através de quadros clínicos referenciados em sinais e sintomas explicados por uma causalidade orgânica. Há uma tendência em explicá-los pelo viés do estresse e do desgaste mental, pois, “não é possível quantificar a vivência, não se é mensurável a carga psíquica do trabalho, que é em primeiro lugar qualitativa, mas é real enquanto vivência articulada às exigências ou pressões do trabalho cotidiano” (Campos, 2011, p.37).

Por se tratar de uma condição oriunda de múltiplas determinações, a depressão não pode ser relacionada exclusivamente às atividades laborais; mas, em condições de desgaste relacionado ao trabalho, o sofrimento psíquico é intensificado causando prejuízos na qualidade de vida, interferindo negativamente nas atividades cotidianas e no ambiente de trabalho,

provocando queda de produtividade e consequências negativas, tanto para o trabalhador quanto para a organização na qual ele está inserido (Campos, 2016).

Entre os profissionais da educação a depressão é uma problemática constante e complexa onde o aumento do número de trabalhadores doentes é preocupante; em muitas situações o profissional nesta condição continua exercendo suas atividades (Lima, 2010; Barros, 2014).

Salienta-se que na faixa etária o adoecimento chega a ser negligenciado pelos próprios docentes que, mesmo tendo direito a uma licença médica, muitas vezes não usufruem dela e voltam a desenvolver suas atividades antes do tempo de afastamento prescrito. Seja por medo de perder o emprego ou por receio de ter seu salário afetado, em se tratando de uma IES privada, prejudicando compromissos financeiros no final do mês. Nas IES públicas o afastamento por licença nem sempre garante a substituição do docente de forma que as atividades acadêmicas não sofram prejuízos (Campos, 2011).

O sofrimento psíquico dos docentes passa despercebido na universidade porque nem sempre ocorre uma notificação dos motivos de afastamento do trabalho. Genericamente eles são classificados como sendo por problemas de saúde, de forma que a depressão permanece invisível aos olhos de colegas e, em especial, da instituição. Pois:

[...] os afastamentos, raras vezes oficializados, decorrentes de estresse, que constantemente encobrem o alcoolismo, a dependência química, a síndrome do pânico e a síndrome de Burnout, dentre outros transtornos, lombalgias, gastrites e depressão; ou mesmo a utilização de ansiolíticos, antidepressivos ou medicamentos conhecidos como tarja preta, estão experimentando um ascenso acelerado entre os professores universitários (Leite, 2017, p. 208).

Este sofrimento também está relacionado com a execução de atividades rotineiras que se assemelham ao processo de mecanização ou robotização instaurado pela linha de montagem e por seus aparatos tecnológicos. Nesta lógica, o trabalho flui como a navegação de dados na internet onde os computadores conectados são, analogamente, o docente e a instituição de ensino. Logo, basta estar conectado, diga-se vinculado a uma IES, que o docente automaticamente tem seus fluxos de trabalho estabelecidos dentro e fora dela.

Institui-se, sutilmente, um modo de ser e trabalhar centrado na “[...] *indissociação tempo-espaço da vida acadêmica e familiar e pessoal* [...]” (Leite, 2017, p. 208), responsável pela despersonalização do docente, por restrições do tempo que poderia ser dedicado a outras atividades de sua preferência, além do trabalho, ou ainda a sua própria família.

Nesta perspectiva, fazer de sua residência uma extensão da universidade não é percebido como problemático pela maioria dos professores, pelo contrário, há um discurso sobre

“flexibilidade” e “autonomia” na organização do próprio tempo, considerando esta prática um aspecto positivo do trabalho. Portanto, percebe-se que há uma normalização de algumas condições que são responsáveis pela precarização do trabalho docente que, ao mesmo tempo, potencializam os vetores responsáveis pelo adoecimento (Sakurada, 2017).

Outras manifestações do adoecimento do professor, tais como, as dores musculares ou articulares associadas às atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula, os distúrbios da voz, sintomas gastrointestinais relacionados ao estresse desenvolvido pela exigência no cumprimento de metas e prazos, a dificuldade para dormir entre outros, em geral são tidos como inerentes ao trabalho docente. Esta apreensão também reflete uma certa naturalização de sinais e sintomas do desgaste relacionado ao trabalho (Barros, 2014).

Um estudo anterior realizado na UERN (Medeiros, 2011) constatou que dentre os professores entrevistados 45,94% consideram a profissão estressante; a necessidade de uma constante busca de novos conhecimentos para atuar na graduação, pesquisa e na extensão foi considerada como um fator estressor (Tostes, 2018). Este achado também foi constatado no estudo que se desdobrou do projeto no qual esta pesquisa sobre a depressão e o uso de drogas está inserida; do total de participantes 52,2% apresentaram sintomas do estresse nas fases de alerta, resistência ou exaustão.

Estes achados fundamentam uma compreensão sobre a ocorrência da depressão entre os professores universitários, que se sustenta no aspecto multifatorial desta expressão do sofrimento psíquico. Existem múltiplos fatores que se relacionam entre si e não devem ser avaliados e tratados de forma isolada, ao contrário, é necessário levar em conta a complexidade e a dinâmica do contexto em que estão inseridos estes trabalhadores (Sakurada, 2017; Tostes, 2018).

Em um contexto de perdas dos direitos sociais e de desmonte dos serviços e políticas públicas, em destaque as medidas que reduzem recursos para a área da educação, o adoecimento docente é uma problemática que tem preocupado as associações docentes vinculadas ao Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN), sendo também o tema central de diversas pesquisas nas IES (Santos, 2012; Barros, 2014).

Os enfrentamentos coletivos desenvolvidos pelas entidades representativas da categoria são desenvolvidos por estas associações, sendo pautados pelas diretrizes da política de educação pública defendida pelo ANDES-SN (Sakurada, 2017). Em outra via, no campo singular, outros enfrentamentos também são empreendidos pelos docentes conforme a ótica individual de cada um; e nesta perspectiva há uma relação direta entre o desgaste relacionado ao trabalho, a depressão e o uso de substâncias psicoativas.

Este estudo não pretende abordar a discussão acerca das drogas consideradas lícitas ou ilícitas, pois, trata-se de uma problemática que extrapola seus alcances teóricos e metodológicos; além de ser uma discussão situada em um campo ético e cultural com suas nuances e interfaces subjetivas.

Mas, o foco pretendido aqui está nas possíveis associações entre o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho, apreendido como depressão, e o uso de alguma substância psicoativa; parte-se da hipótese de que nestas circunstâncias o uso é motivado pela necessidade de se buscar o alívio deste sofrimento.

A busca por alívio do sofrimento através do uso de substâncias psicoativas se destaca pela suposta eficácia no entorpecimento de quem a usa. Neste sentido, em geral a pessoa não se questiona sobre a sua relação com a substância, mas apenas busca o alívio de suas tensões e sofrimentos. E ainda,

[...] para além de suas propriedades químicas e seus efeitos no tecido social, todavia, as substâncias utilizadas pela humanidade para amenizar o sofrimento são, antes de tudo, objetos representados numa rede simbólica, participando, portanto, do modo como cada um apreende sua relação com si próprio e com o Outro (Silveira et al., 2019, p.108).

Portanto, tanto o sofrimento psíquico quanto as substâncias psicoativas são renomeados em uma cadeia simbólica que tece e contorna o meio acadêmico. E assim passam a ser representados por significantes de aplicação corriqueira entre os docentes, tais como: estresse, depressão, *burnout*, ansiedade (para o sofrimento psíquico); tomar uma garrafa por noite, usar tarja preta (para o uso das substâncias psicoativas) (Gavin, 2015).

Algumas dessas substâncias também são chamadas de drogas e se definem como qualquer substância não produzida pelo organismo, e que é capaz de provocar alterações no funcionamento de um ou mais sistemas orgânicos. Elas alteram principalmente o funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC), afetando processos mentais, motores e emocionais, modificando a atividade psíquica e o comportamento (Lopes, 2011).

O ASSIST identificou o consumo de drogas nas categorias lícitas e ilícitas; em se tratando de drogas lícitas, 80% dos participantes afirmaram já ter consumido bebida alcoólica e 27,3% derivados do tabaco e das drogas ilícitas, a maconha evidenciou-se como a droga mais consumida (15,2%). Quanto à associação entre o uso de alguma droga e a sintomatologia depressiva, esta foi mais prevalente entre aqueles que mencionaram o consumo de bebida alcoólica (68,4%).

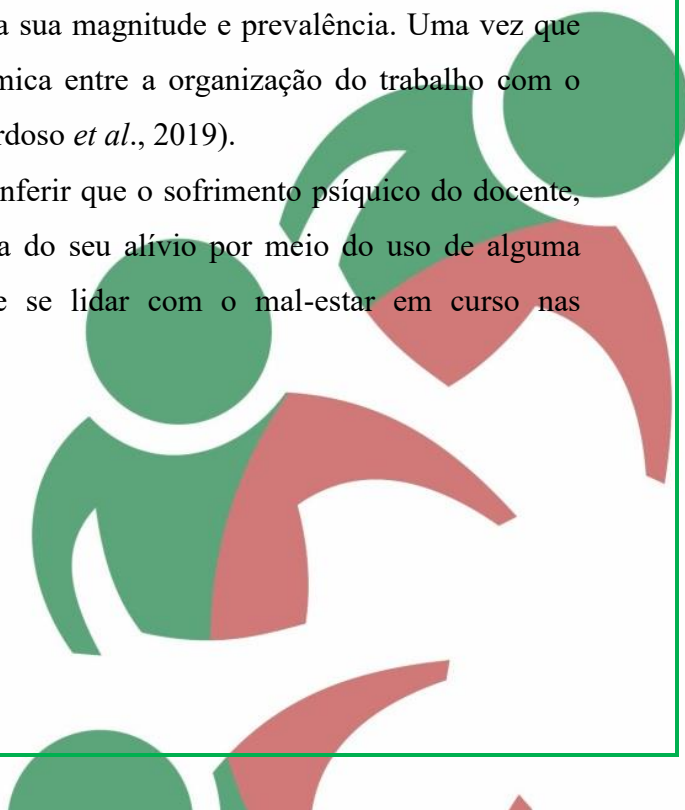
Apesar de não ter sido encontrada uma associação significativa entre a idade dos participantes e o uso dessas substâncias, o consumo de bebidas alcoólicas foi maior quando comparado com as outras drogas. Segundo a Organização Internacional do Trabalho os trabalhadores mais jovens são mais susceptíveis aos efeitos do álcool e de outras substâncias psicoativas (Cortez *et al.*, 2017).

Entre trabalhadores o consumo de bebidas alcoólicas, muitas vezes, corresponde a uma tentativa de aliviar o sofrimento psíquico e a sobrecarga emocional, relacionados ou decorrentes das condições de trabalho e da forma como o trabalho está organizado; este hábito uma vez naturalizado pode contribuir para dependência da substância psicoativas (tostes, 2018; cortez *et al.*, 2017)

Por sua vez, a depressão provoca queda na produtividade e aumenta as possibilidades de uma pessoa usar alguma substância psicoativa. Um estudo que buscou identificar a associação entre a sintomatologia depressiva e o uso de álcool entre servidores de uma universidade pública detectou que cerca um quinto dos trabalhadores (21,9%) apresentou sintomatologia ansiosa e/ou depressiva; 13,2% preencheram os critérios para serem classificados como pessoas em uso abusivo do álcool. O uso de substâncias psicoativas emerge como um meio para se debelar ou aliviar tensões e sofrimentos porque seus efeitos são alcançados em curto espaço de tempo (Lopes, 2011; Cortez *et al.*, 2017).

Considerando a complexidade que circunscreve a temática desta pesquisa não se pode generalizar a sua problemática ou, menos ainda, almejar explicações lineares e totalitárias. Pois, cada indivíduo assume atitudes específicas para o enfrentamento daquilo que lhe cause algum tipo de sofrimento. Entretanto, há evidências contundentes de que se trata de um problema que deve ser remetido à saúde do trabalhador, dada a sua magnitude e prevalência. Uma vez que este campo de conhecimentos relaciona a dinâmica entre a organização do trabalho com o contexto e o caráter social onde ele se insere (Cardoso *et al.*, 2019).

Com base nos estudos já citados pode-se inferir que o sofrimento psíquico do docente, em geral apreendido como depressão, e a busca do seu alívio por meio do uso de alguma substância psicoativa configuram tentativas de se lidar com o mal-estar em curso nas instituições de ensino (Cardoso *et al.*, 2019).



As condições de onde emerge este mal-estar derivam das reformas e cenários já mencionados no corpo do texto. Cabe destacar a sua materialização na pessoa que ora se ocupa da docência, e sofre de modo singular com a negação dos reflexos da precarização das condições de trabalho no seu corpo e no seu psíquico. Isto se agrava quando se associa genericamente o sofrimento psíquico e o adoecimento à atividade docente, sem problematizar as relações e condições de trabalho nas IES.

Encerrar a discussão rotulando o sofrimento psíquico como depressão pode soar, de certo modo, como uma associação direta e, possivelmente, justificada para a busca de alívio no uso de alguma substância psicoativa. Da mesma forma que estabelecer uma relação causal naturalizando esse sofrimento no contexto de trabalho do docente no ensino superior apenas favorece à sua medicalização. Ou seja, seguindo esta linha de pensamento, a abordagem medicamentosa deve ser instituída na vigência de sinais e sintomas relacionados ao adoecimento ou ao sofrimento psíquico, porém esta abordagem não se propõe a debater sobre as condições de produção deste trabalho, discutindo-as e pautando-as em uma perspectiva política e institucional.

Não se trata de abolir o uso dos medicamentos, desde que devidamente prescritas e clinicamente justificadas. Mas sim de problematizar a prioridade dada a esta abordagem em detrimento de se pautar as condições em que o adoecimento é potencializado pela precarização das condições de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no ASSIST constatou-se que 80% dos docentes pesquisados afirmou consumo bebida alcoólica e 27,3% derivados do tabaco; dentre as substâncias consideradas ilícitas a maconha se destaca (15,2%). Por meio do Inventário de Beck identificaram-se indícios de depressão principalmente em docentes do sexo masculino, adultos jovens e com titulação em nível de mestrado. Quanto à associação entre o uso de alguma substância psicoativa e a sintomatologia depressiva, esta foi mais prevalente entre aqueles que mencionaram o consumo de bebida alcoólica (68,4%).

A problemática destacada nesta pesquisa, ou seja, as relações entre o sofrimento psíquico apreendido como depressão e o uso de substâncias psicoativas entre docentes universitários, assume uma complexidade inerente ao contexto do mundo do trabalho na atualidade. Os dados deste estudo refletem uma problemática crescente do ponto de vista institucional e como demanda que pode ser direcionada à Saúde do Trabalhador.

Mesmo sendo condições determinadas por vários e complexos fatores, existem relações entre a depressão e o uso de substâncias psicoativas entre os docentes no cenário pesquisado; a precarização do trabalho oriunda das reformas aplicadas ao ensino superior no país gera sofrimento psíquico e o adoecimento do professor.

REFERÊNCIAS

- Abonizio, G. (2012, jan./jun.). Precarização do trabalho docente: apontamentos a partir de uma análise bibliográfica. *Revista eletrônica Ensino de Sociologia em Debate*, ed. nº. 1, vol. 1. Recuperado de: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/>
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM - 5*. (5º ed). Porto Alegre: Artmed.
- Barros, C. M. R. (2014). *O trabalho docente e o processo de adoecimento no curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará* (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, Brasil. Recuperado de: ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/08/karina_barbosa_bordalo.pdf
- Beck, A. T.; Ward, C. H.; Mendelson, M.; Mock, J.; Erbaugh, J. (1961) An inventory for measuring depression. *Archives of general psychiatry*, 4, 561-571. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/13688369>
- Bosi, A. P. (2007, set./dez.) A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, n. 101, vol. 28, 1503-1523. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a1228101.pdf>
- Borsoi, I. C. F. (2012). Trabalho e produtividade: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. *Revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, n.1, vol.15, 15(1), 81-100. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000100007
- Campos, E. B. V. (2016). Uma perspectiva psicanalítica sobre as depressões na atualidade. *Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 7(2), 2-44. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200003
- Campos, F. J. S. (2011). *Trabalho docente e saúde: tensões da educação superior* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil. Recuperado de: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2806>

- Cardoso, A. C.; Morgado, L. (2019). Trabalho e saúde do trabalhador no contexto atual: ensinamentos da Enquete Europeia sobre Condições de Trabalho. *Revista Saúde e Sociedade*, 28(1), 169-181. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v28n1/1984-0470-sausoc-28-01-169.pdf>
- Cortez, P. A.; Souza, M. V. R.; Amaral, L. O.; Silva, L. C. A. (2017). A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. *Revista Cadernos Saúde Coletiva*, 25(1), 113-122. Recuperado de: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-462X2017000100113&sc ri pt=sciabstract&t lng=pt>
- Dal Rosso, S. (2008). *Mais trabalho!. A intensificação do trabalho na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. (5a ed.). São Paulo, Oboré.
- Gavin, R., Reisdorfer, E., Gherardi-Donato, E., Reis, L., & Zanetti, A. (2015). Associação entre depressão, estresse, ansiedade e uso de álcool entre servidores públicos. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição Em Português)*, 11(1), 2-9. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v11i1p2-9>
- Henrique, I. F. S.; Miceli, D. D.; Lacerda, R. B.; Lacerda, L. A.; Formigoni, M. L. O. S. (2004). Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). *Revista da Associação Médica Brasileira*, 50(2), 199-206. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302004000200039>
- Leite, A. F.; Nogueira, J. A. D. (2017). Fatores condicionantes de saúde relacionados ao trabalho de professores universitários da área da saúde: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 42 (6), 1-15. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000010116> .
- Leite, J. L. (2017). Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. *Revista Katálisis*, Florianópolis, 20(2), 207-215. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207>
- Lima, M. E. A. (2010). Dependência química e trabalho: uso funcional e disfuncional de drogas nos contextos laborais. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35 (122), 260-268. doi: <http://dx. doi.org/10.1590/S0303-76572010000200008> .
- Locatelli, C. (2017). Os professores no ensino superior brasileiro: transformações do trabalho docente na última década. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 98(248), 77-93. doi: <http:// dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.98i248.2815>.
- Lopes, M. (2011). Ribeiro, C. V. S.; Costa, A. F. M.; Cardoso, V. M. L. Machado, B. R. (2019). “Se você se aposentar e não continuar tendo prazer na vida, você vai se aposentar pra quê?": um estudo sobre o trabalho de docentes aposentados de uma IFES. *Revista Trabalho (em)cena*, 4(1), 323-343. doi: <https://doi.org/10.20873/2526-1487V4N1P323>.
- Medeiros, B. V. (2011). *Síndrome de burnout e a centralidade do trabalho na docência: estudo de casa numa universidade pública* (Dissertação de mestrado). Universidade Potiguar, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Natal, Rio Grande do Norte, RN, Brasil. Recuperado de: <https://unp.br/wp-content/uploads/2013/12/dissertacoes-2009-bianca-valente1.pdf>.

- Oltávaro, A. F. T.; Velásquez-Tirado, J. D.; Garcia, A. R. V.; Ocampo, J. H. T. (2013). Consumo y dependencia a nicotina, alcohol y otras drogas, en docentes de una universidad de Medellín, Colombia. *Revista Investigaciones Andina*, Colômbia, 27(15), 847-858. Recuperado de: <http://www.scielo.org.co/pdf/inan/v15n27/v15n27a11.pdf>
- Rates, A. C. F.; Leda, D. B. (2018). As vivências de prazer e sofrimento no trabalho de professores substitutos de uma universidade federal. *Revista Trabalho (en)cena*, 3(3), 34-57. doi: <https://doi.org/10.20873/2526-1487V3N3P34>.
- Rocha, C. S. (2018, jan./jun.). O reuni e a precarização do trabalho docente. *Revista Administração Educacional – DAEPE- CE – UFPE*, Recife-PE, n. 1, v.9, 190-205. Recuperado de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/issue/view/2678>
- Sakurada, P. K. C. (2017). O sucateamento da Universidade Pública: a realidade dos cursos de Serviço Social da UFES e UFF. *Revista Universidade e Sociedade*, 57 (2), 70-79. Recuperado de: <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-1079279714.pdf>
- Santos, S. D. M. (2012). A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. *Revista Educar em Revista*, (46), 229-244. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602012000400016>
- Silveira, L. C.; Almeida, A. N.; Carrilho, C. (2019). Os Benzodiazepínicos na ordem dos discursos: de objeto da ciência a objeto gadget do capitalismo. *Revista Saúde e Sociedade*, 28(1),107-120. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902019180615>
- Tavares, L. A. T. (2010). *A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo*. São Paulo: Editora UNESP, Cultura Acadêmica.
- Tostes, M. V.; Albuquerque, G. S. C.; Silva, M. J. S.; Peterlle, R. R. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Revista Saúde em Debate*, 42(116), 87-99. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201811607>.

